

Organização
CITCEM/FLUP

Comissão organizadora
Carla Sequeira
Joana Lencart

Entrada Livre
www.citcem.org

As Oficinas de Investigação do CITCEM têm como principal objectivo o debate, alargado e transdisciplinar, de problemáticas de investigação, no sentido de cruzar questões teóricas e metodológicas e resultados de pesquisa.

As Oficinas de Investigação do CITCEM constituem, por isso, um espaço de divulgação e discussão regular de projectos de investigação individuais (teses de mestrado ou doutoramento, projectos de pós-doc, etc.) ou colectivos, dos investigadores e colaboradores do CITCEM, podendo associar investigadores de outros centros ou universidades nacionais e/ou estrangeiras.

OIC
— 2025
2026 —

CITCEM'S RESEARCH
WORKSHOPS

OFICINAS DE INVESTIGAÇÃO CITCEM

— 05-03-2026 —

S9

— 14H30 —

FLUP —

SALA HUMANITIES LAB
(PISO 0, JUNTO À BIBLIOTECA CENTRAL)

COMUNICAÇÃO DE CIÊNCIA EM ARQUEOLOGIA

PROONENTE DA SESSÃO: ANA VALE



Direção: Maria Góis Costa | CITCEM
Imagem: gptStock.com

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciéncia e Tecnologia, no âmbito do projeto UIDB/04029

COMUNICAÇÃO DE CIÊNCIA EM ARQUEOLOGIA

PROONENTE DE SESSÃO: ANA VALE

ORADORES: ANDREA MARIANI, JOSÉ VARELA, SUSANA ANDREIA NUNES, SÉRGIO MONTEIRO RODRIGUES, DANIELA FERREIRA

MODERADORES: ANDREA AREZES (FLUP); SARA CURA (ESCS-IPL); LEONOR MEDEIROS (FCSH-UNL)

NOTAS BIOGRÁFICAS E RESUMOS

ANDREA MARIANI (1979) é doutor em História pela Universidade do Porto (2020) e mestre em História Medieval pela Università degli Studi di Milano (2014). Membro de diferentes associações europeias, entre as quais EXARC (Países Baixos), da qual é membro do diretivo desde maio 2024, é Investigador Integrado do CITCEM. Desde 2003 opera no âmbito da living history e desde 2007 da arqueologia experimental a nível internacional. É funcionário da Fundação da Casa de Mateus, Vila Real.

É proibido não tocar: a arqueologia experimental como meio de chegar ao grande público

Com as novas gerações, mas não só, é evidente o problema de aproximar o grande público de temas muitas vezes considerados aborrecidos ou elitistas, como a história antiga ou medieval e a arqueologia. Tal como os museus são frequentemente vistos como locais fechados, repositórios de objetos inanimados e entediante. Para ultrapassar este preconceito (mas será que é mesmo assim?), esta comunicação irá sugerir como a utilização da arqueologia experimental pode ser uma forma de cativar um público abrangente. Através dos 20 anos de experiência do orador, serão propostas soluções utilizadas em vários países europeus.

JOSÉ VARELA é licenciado em História (Variante de Arqueologia pela FLUP) e mestre em Arqueologia pela FLUP. Técnico superior da Câmara Municipal de Matosinhos desde 2000. Exerce funções no Museu da Memória de Matosinhos onde se integra o Gabinete Municipal de Arqueologia e História. Co-responsável do projeto de investigação GUIFARQ no Castro do Monte Castêlo (Guifões, Matosinhos). Coordenou diversas acções de divulgação do património histórico e arqueológico do município de Matosinhos nomeadamente as exposições "Rio da Memória: Arqueologia no Território do Rio Leça" (2010) e "Memórias Monte Castêlo: Centenário de Joaquim Neves dos Santos" (2019), assim como as Jornadas de Arqueologia do Rio Leça".

O papel da divulgação do património arqueológico na construção da coesão social e cultural das comunidades: o caso do Castro do Monte Castêlo (Guifões, Matosinhos)

Desde tempos remotos que o sítio arqueológico do Castro do Monte Castêlo (Guifões, Matosinhos) tem ocupado no imaginário das populações locais um lugar especial como referência duma memória colectiva partilhada. Hoje, no entanto, constata-se a tendência para a progressiva perda da memória do lugar por parte das populações contemporâneas como resultado das grandes transformações sociais e demográficas da freguesia de Guifões nos últimos cinquenta anos. A partir do ano de 2016 a investigação arqueológica no Castro do Monte Castêlo de Guifões conheceu um novo impulso, com a criação do projecto plurianual de investigação arqueológica GUIFARQ. Este projeto resulta de uma parceria estabelecida entre a Câmara Municipal de Matosinhos e a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a que se associaram outras instituições. As ações de comunicação dos resultados do projecto de investigação arqueológica GUIFARQ, centram-se principalmente na comunidade local de Matosinhos, com incidência particular na freguesia de Guifões. A recente aquisição pelo Município de Matosinhos da maior parte dos terrenos do Castro do Monte Castêlo, possibilitam agora a criação de condições para que este sítio arqueológico possa vir a ser visitável e se torne uma referência do património arqueológico na região do Grande Porto.

SUSANA ANDREIA NUNES é arqueóloga e mediadora patrimonial. Licenciada em História, variante de Arqueologia, e mestre em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, tem desenvolvido um percurso profissional que conjuga investigação científica, arqueologia preventiva e educação patrimonial.

Foi coordenadora e formadora do Curso Profissional de Assistente de Arqueólogo na Escola Profissional de Arqueologia, e mediadora de um curso de Educação e Formação de Adultos. Atualmente, é responsável pelo departamento de educação patrimonial da empresa de arqueologia Palimpsesto, promovendo atividades que aproximam a Arqueologia da comunidade. Destaca-se o projeto *Os arqueólogos não escavam dinossauros*, que pretende divulgar a Arqueologia enquanto ciência e prática para a sociedade, através da presença nas redes sociais e da realização de atividades lúdicas e didáticas dirigidas ao público escolar.

Os arqueólogos não escavam dinossauros: mediação patrimonial e comunicação de ciência em arqueologia

A sociedade contemporânea exige uma ciência mais democrática, ética e participativa. A divulgação do conhecimento científico, nomeadamente da Arqueologia enquanto ciência e prática, é essencial para o fortalecimento da literacia científica e para a construção de uma cidadania responsável, (in)formada e crítica. Contribui ainda para o reconhecimento social do património arqueológico e da profissão. Apesar da obrigatoriedade legal de divulgação dos resultados científicos das intervenções arqueológicas e do reconhecimento crescente da sua importância, a divulgação da Arqueologia em Portugal continua pouco estruturada, limitando-se frequentemente a ações pontuais e sem mecanismos de avaliação do seu impacto real na sociedade. O resultado é um afastamento progressivo entre a sociedade e a Arqueologia enquanto ciência e prática profissional. O projeto *Os arqueólogos não escavam dinossauros* surge como uma resposta prática a esta realidade. Assumindo a comunicação como parte integrante da prática arqueológica, o projeto propõe-se aproximar a Arqueologia da sociedade através da criação de conteúdos acessíveis e atividades lúdicas e educativas. Apesar de recente, a experiência tem revelado resultados bastante positivos e evidencia um interesse genuíno por parte dos vários públicos, tanto nas redes sociais, como em contexto educativo. Neste enquadramento, defende-se a necessidade de repensar a comunicação em Arqueologia, superando abordagens meramente informativas e promovendo uma prática mais acessível, participativa e socialmente relevante.

SÉRGIO MONTEIRO RODRIGUES é Professor Associado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto na área da Arqueologia pré-histórica, e investigador integrado do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória». A sua carreira como investigador iniciou-se no princípio dos anos de 1990 com um trabalho sobre as indústrias líticas paleolíticas dos terraços fluviais do rio Caia (Alto Alentejo), que iria culminar na dissertação de mestrado, defendida na FLUP em 1996. Após este período dedicou-se à problemática da neolitização, centrando os seus estudos na região do Alto Douro português, onde escavou o sítio pré-histórico do Prazo (Vila Nova de Foz Côa) no âmbito do seu doutoramento. Atualmente dedica-se ao estudo do Paleolítico Inferior do Norte de Portugal, com especial incidência no Minho Litoral e no vale do rio Minho.

DANIELA FERREIRA (1989) é licenciada e mestre em Arqueologia pela FLUP. Doutorou-se em História e Arqueologia pela Universidade Complutense de Madrid, em 2019, com a tese «La Cerámica griega en la Fachada Atlántica de la Península Ibérica». Atualmente, exerce funções como Professora Auxiliar na FLUP. É investigadora do CITCEM, integrando o grupo de investigação Territórios, Paisagens e Ambiente. Ao longo do seu percurso académico e científico, participou em diversos programas de formação internacional e colaborou com o Centro Iberia Graeca, dedicando-se ao estudo da presença de materialidades gregas em contextos arqueológicos proto-históricos em Portugal. Esteve envolvida em vários projetos de investigação em Arqueologia, destacando-se os projetos «HistPP – História do Povoamento de Picote» e «Castro de Alvarelhos (Trofa). Estudo científico do registo Arqueológico (CAESAR)», este último em curso, no âmbito dos quais codirigiu várias campanhas de trabalhos arqueológicos. No contexto da sua atividade científica, coordenou várias ações de divulgação do património arqueológico, colaborou na organização de exposições de arqueologia e desempenhou um papel relevante na organização de congressos nacionais e internacionais.

Conversa sobre os desafios da comunicação de resultados arqueológicos para não especialistas

Em modo de conversa informal, abordar-se-ão os desafios que se colocam no momento de divulgar junto de diversos públicos os resultados da investigação em arqueologia, nomeadamente os que se obtêm a partir dos trabalhos de escavação. Como planejar estratégias de divulgação? Como despertar o interesse dos cidadãos pelo património arqueológico? Qual o papel dos municípios nesta tarefa? Estarão os arqueólogos preparados para o desafio que é levar o conhecimento científico às massas? Daniela Ferreira e Sérgio Rodrigues recorrerão, respetivamente, ao projeto arqueológico do Castro de Alvarelhos (Trofa) e às intervenções em contextos paleolíticos no concelho de Esposende e no vale do Minho para partilharem experiências.